

## A RELEVÂNCIA DO ENSINO FORMAL E INFORMAL NAS ESCRITURAS: EXEMPLO A SER OBSERVADO NA CONTEMPORANEIDADE

The relevance of formal and informal education in the Scripture: example to be  
observed in contemporary

Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo fará considerações sobre o ensino formal e informal dos tempos bíblicos, com a intenção de verificar se há algo neste ensino que possa servir de exemplo na contemporaneidade. Algumas questões que serão consideradas dizem respeito aos métodos, o educador, e ainda, avaliar-se-ão os reflexos que a mesma tinha para a vida comunitária. As mudanças que aconteceram no contexto bíblico e estão relacionadas à cultura são fatores importantes e que serão citados. O papel desenvolvido pelos pais no lar será destaque, bem como dos outros educadores. Alguns objetivos como a importância do trabalho na área de educação dos tempos antigos e os valores que ele apresentava, bem como os reflexos deste trabalho do educador, serão observados.

**Palavras-chave:** Educação. Antigo Testamento. Novo Testamento

### ABSTRACT

This article will make considerations about the formal and informal teaching of biblical times, with the intention of verifying if there is something in this teaching that can serve as an example in contemporary times. Some questions that will be considered are related to the methods, the educator, and also will be evaluated the reflexes that it had for community life. Changes that have occurred in the biblical context and are related to culture are important factors that will be cited. The role of parents in the home will be

---

<sup>1</sup> A autora é bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (Curitiba, 2000); licenciada em Pedagogia pela UNIJUÍ (Ijuí, 2007); mestre em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo, 2006); doutora em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo, 2012). Professora da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí e das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: [marivete@batistapioneira.edu.br](mailto:marivete@batistapioneira.edu.br)

highlighted, as well as other educators. Some objectives such as the importance of the work in the area of education of the old times and the values that it presented, as well as the reflections of this work of the educator will be observed.

**Keywords:** Education. Old Testament. New Testament.

## INTRODUÇÃO

Pode o ensino formal e informal dos tempos bíblicos ainda servir de exemplo na contemporaneidade? O presente artigo se limitará a fazer uma avaliação de como acontecia a educação na cultura judaica, ou seja, métodos, o educador, e outros. Além disso, avaliar-se-ão os reflexos que a mesma tinha para a vida comunitária.

Tudo leva a crer que, apesar da mudança que houve com o passar dos anos, naquilo que se refere à cultura, sociedade e outros fatores no contexto do Antigo e Novo Testamento, tal contexto bíblico pode ter alguns elementos importantes para a contemporaneidade. Parte-se da ideia que inicialmente na cultura judaica a educação era desenvolvida e estava sob responsabilidade dos pais. A grande influência, vinha primeiro de casa e depois da sociedade. Hoje, na cultura contemporânea é muito fácil perceber o inverso, pois embora se reconheça a responsabilidade da família, em muitos casos os grandes responsáveis na educação são os professores e a escola. Alguns dos objetivos serão: a) verificar a importância do trabalho desenvolvido na área de educação nos tempos antigos e os valores que ele apresenta; b) mostrar que educar uma criança é trabalhar num projeto de vida, onde tanto os pais como outros educadores são responsáveis; c) mostrar os reflexos do trabalho do educador, ou do responsável pela área de ensino, na vida de seus aprendizes. Acredita-se que todo o trabalho que envolve educação precisa compreender a influência do orientador sobre o educando.

## 1. O ENSINO JUDAICO NA CULTURA DO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra hebraica, que no Antigo Testamento significa ensinar ou educar, é **תורה** (Torá)<sup>2</sup>, a qual também traz em seu âmbito o significado de lei. Esta palavra deriva-se de um verbo que significa apontar, mostrar, portanto orientar.<sup>3</sup> Esse termo Torá tem o significado de ensino e se refere tanto ao sábio que dava instrução ao filho, como a Deus, no que diz respeito à instrução concedida ao seu povo.<sup>4</sup>

Sisemore<sup>5</sup>, entre outros autores, quando se refere à educação no contexto bíblico do Antigo Testamento, destaca o texto de Deuteronômio 6.4-9, que mostra que o povo judaico

---

<sup>2</sup> Torá: a palavra hebraica assim transliterada parece ter o sentido básico de lançar a sorte sagrada, prática da adivinhação oracular. Evoluindo, a palavra adquiriu uma conotação mais ampla: oráculo, conteúdo da revelação divina, e finalmente o conteúdo inteiro da interminada revelação a Israel. Essa palavra é usualmente traduzida por Lei, referindo-se aos cinco primeiros livros da Bíblia. (CHAMPLIM, Russell Norman; BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia teologia filosofia*. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995, Vol. VI, p. 457). John E. Hartley, ao definir Torá, informa que o termo também significa ensino, embora a palavra lei refira-se a 'qualquer conjunto de regulamentos', e, conforme o texto de Deuteronômio 1.5, tal lei diz respeito a questões morais bem como cerimoniais (HARTLEY, John E. Tora, lei, ensino. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (edit). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 661).

<sup>3</sup> SISEMORE, John T. (comp.). *Os fundamentos da educação religiosa*. Tradução de Jussara Marindir Pinto Simões Arias. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 14.

<sup>4</sup> HARTLEY, 1998, p. 662.

<sup>5</sup> SISEMORE, 2000, p. 13.

desde os tempos antigos tinha mandamentos, ordens definitivas e enfáticas para ensinar juntamente com padrões a serem seguidos (Dt 6.4-9<sup>6</sup>). É dito que de forma significativa cada um dos Testamentos possui passagens importantes a respeito da responsabilidade do povo de Israel, e daquilo que eles deveriam educar e ensinar, principalmente as leis de Deus. Mas, no que diz respeito ao Antigo Testamento, o texto de Deuteronômio, sem dúvida, é uma das passagens mais importantes sobre essa questão. No Novo Testamento a passagem mais importante está no livro de Mateus 28.18-20.

O que impulsionava o povo de Israel a buscar o conhecimento era o forte desejo que possuíam de seguir a Deus e comunicar sua fé a outras gerações. Eles reconheciam que, se quisessem comunicar sua fé de uma geração para outra, teriam que saber ler. E como a educação era essencial para alcançarem esse objetivo, eles a valorizavam bastante. O que ajudou é o fato de que, desde o início de sua história, Israel já era um povo alfabetizado, e ainda na época de Josué, o povo já sabia ler.<sup>7</sup>

Não há como comprovar que escolas já existiam no início da história de Israel, no que diz respeito a esse povo como uma nação, quando já tinham o pacto recebido no Sinai e estavam iniciando a conquista de Canaã, mas o que pode ser percebido é que o ensino existia, pois nos dias de Abraão (2170 a.C.), ou naquela cultura, as pessoas sabiam ler e escrever. É provável que tais escolas do passado eram para as classes altas.<sup>8</sup> No geral o povo de Israel, desde os tempos mais remotos, valorizava o conhecimento e tinha ensino em casa.<sup>9</sup>

### 1.1 Elementos significativos para o ensino no contexto do Antigo Testamento: os materiais e as influências de nações e mestres

Inicia-se pensando em livros utilizados para o ensino no contexto do Antigo Testamento, e nesse aspecto é importante lembrar que o principal texto utilizado pelo povo judaico como base para educação era a Escritura. Carvalho enfatiza que, quando se estuda a tradição dos judeus, verifica-se que a **תורה** (Torá), ‘era aprendida diretamente pela instrução oral, com os discípulos sentados aos pés do rabino, e não tanto pela leitura de livros e comentários.<sup>10</sup> Através deste procedimento, muitos judeus recitavam de memória a Torá. Somente após esse período de memorização e desse aprendizado, era possível perguntar sobre o significado do texto.<sup>11</sup> Quanto aos materiais, para escrever usava-se tinta sobre pedaços de cerâmica. Alguns textos, como de Jeremias 17.1, mostram que as penas eram feitas com bambu para formar uma ponta. A tinta era elaborada de ‘fuligem, resina, óleo de oliva e água’.<sup>12</sup>

<sup>6</sup> Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

<sup>7</sup> COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991, p. 121-122.

<sup>8</sup> COLEMAN, 1991, p. 125.

<sup>9</sup> COLEMAN, 1991, p. 124.

<sup>10</sup> CARVALHO, Antonio Vieira de. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Eclésia, 2000, p. 45.

<sup>11</sup> CARVALHO, 2000, p. 45.

<sup>12</sup> GOWER, Ralph. *Usos e costumes dos tempos bíblicos*. Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 79-81.

Em alguns contextos do Antigo Testamento o ensino está ligado com unção do Espírito, algo que pode ser verificado em Êxodo 35.34. No texto de Êxodo 35.34, Bezalel e Aoliabe foram capacitados a ensinar suas habilidades.<sup>13</sup> No período dos patriarcas, especificamente de Moisés, embora ‘não tinham um sistema educacional organizado’<sup>14</sup>, pois o desenvolvimento nesta área foi algo que aconteceu a partir da influência de nações, havia determinada instrução. Moisés, por exemplo, recebeu toda a instrução do povo egípcio, o que envolvia várias áreas, tais como: aritmética, geometria, poesia, música, astronomia, e outras. Gower ainda informa que questões ligadas à medicina e à religião eram muito importantes, para aqueles que seriam sacerdotes.<sup>15</sup> Mas, no que diz respeito ao povo ensinado por Moisés, verifica-se que ele ensinou a lei de Deus e certamente isso deve ter sido ‘feito por repetição e exemplo (Dt 11.19), leitura pública (Dt 31.10-13), música escrita (Dt 31.19)’, pois era comum no Egito ensinar através de canções.<sup>16</sup> Assim, percebe-se que a educação era diversificada.

Além do povo de Israel, em determinado período, ter sido acompanhado por um líder (Moisés) que conhecia muitas áreas, é preciso considerar que os patriarcas, especialmente Abraão, são originários de uma cidade altamente civilizada. As escolas da Suméria, especificamente de Ur preparavam para várias áreas, tais como: ‘para o trabalho religioso, comercial e governamental’, sendo que o currículo também envolvia áreas como matemática, linguagem, geografia, botânica e desenho.<sup>17</sup> Além disso, havia professores especializados que faziam as correções de atividades nas diversas matérias.<sup>18</sup>

Tudo isso facilitava a educação e por isso é possível crer que a maioria do povo de Israel sabia ler e escrever, desde o início de sua história. Eles recebiam o ensino em casa, tinham escolas e davam grande valor à escrita. Foram descobertas, pelos arqueólogos, algumas evidências de escolas na cidade de Ur, bem como no Egito e na Mesopotâmia, isso desde a época, ou os dias de Abraão (2170 a.C.). Essas evidências são placas de barro com exercícios em diferentes áreas, tais como aritmética, geometria e gramática.<sup>19</sup>

Muitas nações, como os Assírios e Babilônios, tiveram influência na educação dos judeus. Membros da hierarquia israelita foram educados na corte da Babilônia durante o período em que estiveram cativos nestes locais.<sup>20</sup> Quando os judeus voltaram do cativeiro, o imperador persa comissionou um escriba (Esdras), para que ensinasse a Lei ao povo judeu (Ed 7.12-26). Em alguns momentos, conforme relato bíblico, o povo judeu teve que ouvir a Lei durante uma manhã inteira (Ne 8.1-8). Os professores foram os responsáveis para explicar a Lei ao povo, por isso os Escribas ganharam destaque como professores da Lei. Esses homens eram comparados aos primeiros professores e chamados “homens da grande sinagoga<sup>21</sup>”, que

---

<sup>13</sup> HARTLEY, 1998, p. 661.

<sup>14</sup> GOWER, 2002, p. 78.

<sup>15</sup> GOWER, 2002, p. 77.

<sup>16</sup> GOWER, 2002, p. 77-78.

<sup>17</sup> GOWER, 2002, p. 76.

<sup>18</sup> GOWER, 2002, p. 76.

<sup>19</sup> COLEMAN, 1991, p. 124.

<sup>20</sup> GOWER, 2002, p. 79-81.

<sup>21</sup> GOWER, 2002, p. 81. Embora o lar tenha sido a escola hebraica mais antiga, e continuasse a ter um lugar fundamental na educação judaica, surgiu, na história judaica outro tipo de instituição educacional, as sinagogas. Local onde os aldeões se reuniam para as funções religiosas. Também servia de espaço para atividades comunitárias. As pessoas se revezavam recitando orações e lendo a escritura (STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996, p. 76).

parece ter passado a existir durante o cativeiro do povo.<sup>22</sup> Isso foi fundamental para que o povo pudesse continuar a existir como uma nação e preservasse a sua identidade. Quando se olha para o período pós-exílico, Hartley lembra que, no que diz respeito ao ensino da Torá, os sacerdotes têm destaque, inclusive quando ministram ao rei (2Rs 12.2). Esdras foi um que na função de sacerdote ensinou a Lei durante a festa dos Tabernáculos.<sup>23</sup> Nesse sentido, ‘Professores da classe sacerdotal e profética parecem ter, portanto, cuidado desse aspecto da educação...’.<sup>24</sup>

As sinagogas, assim como as casas, eram fundamentais para instrução do povo na lei **תורה** (Torá).<sup>25</sup> Morin afirma que as sinagogas tinham importante papel na organização cultural e do saber, inclusive uma das salas servia de ensinamento para as crianças, claro que da Torá. Ele ainda afirma que mais à frente, no tempo de Jesus, havia sinagogas em todos os vilarejos de determinada importância.<sup>26</sup> A sinagoga consistia em uma assembleia que desempenhava papel significativo na vida administrativa e judicial dos judeus, também no que diz respeito à educação. Neste espaço aconteciam várias coisas e ali questões da vida diária eram resolvidas, se ‘nomeava os magistrados locais, determinava a educação das crianças e até constituía em si mesma uma pequena universidade para o povo’.<sup>27</sup> Tais coisas, possivelmente no início, aconteciam em uma casa de oração.<sup>28</sup> Assim, verifica-se que o povo de Israel valorizava os estudos e a literatura, demonstrava profundo respeito pelos manuscritos, ou os rolos e livros da época. Isso fica claro através da história. Entretanto, este não era um costume só do povo judeu, mas também das nações vizinhas.<sup>29</sup>

Além das sinagogas, que possivelmente surgiram no período do cativeiro, vale salientar que o povo começou a ter algum tipo de educação formal ainda quando os santuários começaram a fazer parte de suas vidas. Alguns personagens que trazem tal indicação podem ser Samuel e Eli (1Sm 1.24; 19.18-21).<sup>30</sup> Nesse contexto era comum o auxílio dos sábios, ou seja, homens que davam orientações, mas também havia os líderes conhecidos como profetas, que também exerciam função educacional. Alguns deles eram Elias, Amós, Isaías. Estes homens não se ocupavam simplesmente com a função de pregar os ensinamentos de Deus. Eles também eram professores que ‘ajudavam a priorizar no pensamento hebraico o ideal da justiça cívica e pessoal’.<sup>31</sup> Os líderes do povo mudavam conforme a época, entretanto a ênfase sempre continuava sendo os ensinamentos a partir da Torá.

É possível verificar que não importava o tamanho da cidade, grande ou vilarejo, a escola existia. Ela se fazia presente através do ensino ministrado nas próprias casas, ou mesmo em lugares especiais, como sinagogas. Também se verifica que a ênfase curricular poderia ter

<sup>22</sup> GOWER, 2002, p. 80-81.

<sup>23</sup> HARTLEY, 1998, p. 661.

<sup>24</sup> GOWER, 2002, p. 79-81.

<sup>25</sup> SISEMORE, 1990, p. 18.

<sup>26</sup> MORIN, Émile. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. Tradução de Vicente Rodrigues de Souza. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 133.

<sup>27</sup> DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Tradução de Neyd Siqueira. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 239.

<sup>28</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p.239-240.

<sup>29</sup> COLEMAN, 1991, p. 122.

<sup>30</sup> GOWER, 2002, p. 79.

<sup>31</sup> SISEMORE, 1990, p. 17.

algumas ênfases diferentes de região para região, entretanto os professores inicialmente eram os próprios pais e somente com o passar dos anos os sacerdotes e outros líderes assumiram.

É muito interessante o apreço que o povo tinha pela literatura, independentemente de ser a Bíblia ou não. O resultado deste interesse pode ser observado nos relatos dos vários autores citados que falam da facilidade de encontrar pessoas que soubessem ler e escrever, bem como das bibliotecas com registros de vários assuntos concernentes a sua época. Os estudos e achados arqueológicos mostram que havia milhares de livros e grande quantidade de documentos nos tempos antigos e que os mesmos eram utilizados.<sup>32</sup> Assim, pode-se afirmar que os povos do contexto e período bíblico do Antigo Testamento eram cultos e isso é o resultado da valorização dada ao ensino que já começava na infância. Ainda que, por certo período a criança fosse classificada na categoria de surdos, mudos, cegos, pagãos, mulheres, escravos,<sup>33</sup> ela era valorizada, pois não era considerada um ser inocente. Para os rabinos elas eram o futuro de Israel, seus futuros alunos e futuros sujeito da Lei, mesmo que enquanto fosse menor que doze anos pertencesse a uma categoria inferior, incapaz na área religiosa.<sup>34</sup>

## 1.2 Pais e filhos: uma parceria de ensino e de aprendizado

As unidades familiares dos dias do Antigo Testamento eram grandes, sendo compostas não somente por pais e filhos, mas também por tios, primos e servos. A família tinha como líder e governante o pai. Ele era a autoridade sobre todos os membros da casa. Os filhos deveriam prestar respeito aos seus pais e não deveriam trazer ameaça para a unidade familiar, pois se isso ocorresse poderiam ser severamente punidos (Dt 21.18-21). Não é possível negar que a família israelita antiga era do tipo patriarcal, por isso todas as questões eram compreendidas do ponto de vista do pai. Isso refletia na maneira que a mulher (filha) era vista e as restrições que ela vivia na área de educação. Essa é a razão pelo qual um homem, aluno dos escribas, não falava em público com uma mulher, ou ao fato da mulher estar desobrigada e ser dispensada de aprender a Lei ou ainda ao fato de nas sinagogas elas ocuparem um espaço diferente.<sup>35</sup> Independente de tais diferenças, fica evidente que o lar foi a escola hebraica mais antiga, e continuou a ter um lugar fundamental na educação judaica.<sup>36</sup> Independente da ênfase da educação ser basicamente religiosa<sup>37</sup>, é importante observar que as crianças eram estimuladas a fazer perguntas sobre várias coisas e desta forma o ensino, tanto de Deus como outros, tornavam-se naturais e também aconteciam no cotidiano.

A mulher, embora numa posição diferente do homem, no que diz respeito à família,<sup>38</sup> ‘junto com o marido, era considerada uma representante de Deus para ensinar as suas leis (Êx 20.12; Dt 6.7). Isso devia progredir até um plano de igualdade.’<sup>39</sup> Assim, a unidade familiar era em si o ponto chave para educação. Daniel-Rops fala que as judias eram excelentes mães, sendo que a criança circuncidada ficava aos seus cuidados. As filhas ficavam com ela até o dia

<sup>32</sup> COLEMAN, 1991, p. 122.

<sup>33</sup> MORIN, 1982, p. 60.

<sup>34</sup> MORIN, 1982, p. 60.

<sup>35</sup> MORIN, 1982, p. 56.

<sup>36</sup> Local onde os aldeões se reuniam para as funções religiosas. Também servia de espaço para atividades comunitárias. As pessoas se revezavam recitando orações e lendo a escritura (STAMBAUGH, 1996, p. 76).

<sup>37</sup> GOWER, 2002, p. 79.

<sup>38</sup> GOWER, 2002, p. 57-59.

<sup>39</sup> GOWER, 2002, p. 58-59.



do casamento. Enquanto isso, ajudavam nas atividades da casa, carregavam ou cuidavam das ovelhas durante o dia.<sup>40</sup> As meninas aprendiam os deveres domésticos por toda a infância e os meninos, a partir dos três anos de idade, aprendiam a lei com o pai, além de um ofício. As meninas podiam ter uma profissão, talvez como parteiras e cantoras.<sup>41</sup> Como inicialmente a educação acontecia no lar, mãe tinha a responsabilidade de educar tanto os filhos como as filhas nos três primeiros anos, o que pode ter ligação com questões de desmame. Morin concorda com a ideia de que na sociedade judaica as filhas eram educadas pela mãe. Os filhos, depois que tivessem recebido uma educação materna, aprendiam oralmente a sabedoria do pai, bem como a profissão e os fundamentos da religião.<sup>42</sup> Sendo assim, o pai ficava responsável por iniciar o filho na sua profissão logo cedo, para que o filho pudesse trabalhar com ele, inicialmente como um aprendiz e depois de forma oficial. Assim, é possível ver que a educação ficava também a cargo do pai.<sup>43</sup>

No início da história de Israel os pais eram os professores, e levavam muito a sério. Os ensinamentos eram transmitidos a partir das situações normais da vida; festas, histórias narradas, trabalho. Isso ocorria até o momento que surgiu algum tipo de educação formal. Em determinado momento foi designado um grupo especial que ficava encarregado da instrução do povo de Israel, entre os levitas, depois deles os escribas assumiram o papel de educadores. O ensino que acontecia neste contexto visava à unidade familiar, isso mostra que o alvo também era a sociedade, pois a vida da família reflete-se na sociedade.

Sisemore concorda com Gower e também diz que nos tempos antigos (período bíblico), do povo judaico, quando ‘não havia sistema organizado de instrução. O lar era a única escola, e os pais eram os únicos professores. Mas a instrução era real, sendo que a transmissão das tradições sagradas era a mais importante de suas partes’.<sup>44</sup> Era responsabilidade de toda comunidade ensinar, especialmente questões relacionadas com fé. Por isso havia o importante diálogo especialmente com os pais. Além disso, deveria haver símbolos no corpo e na casa que lembrassem os mandamentos de Deus.

As meninas que viveram neste contexto, sem sombra de dúvidas, tinham muitas limitações para adquirirem conhecimentos em algumas áreas, mas, ainda assim, as meninas do povo judeu eram mais valorizadas do que as dos povos vizinhos, que conviviam com os judeus. Entretanto, ainda que fosse assim, não havia rebelião por parte das mesmas. Elas foram conquistando seu espaço tanto na área religiosa como em outras de forma sábia e gradativamente. Embora fique evidente que a tendência era dos meninos estudarem, não pode ser negado o fato de que havia em Israel mulheres com certo grau de escolaridade, como Débora, Ulda (2 Rs 22.14-20).

Percebe-se que a responsabilidade da educação era muito mais que um currículo formal, pois envolvia questões do cotidiano. Além disso, é muito interessante observar a importância, para a vida das crianças, que a educação ou ensino ocorram, de ambos os lados, ou seja, não é algo que deve ficar ao encargo somente da mãe ou somente do pai, ou de um profissional. O ensino envolve um esforço em conjunto de várias partes. Esse contato com os pais, sem

---

<sup>40</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 78.

<sup>41</sup> GOWER, 2002, p. 78-79.

<sup>42</sup> MORIN, 1982, p. 60.

<sup>43</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 78.

<sup>44</sup> SISEMORE, 1990, p. 14.

sombra de dúvidas, traz marcas fortes a vida da criança e lhe mostra valores que no futuro farão diferença para a sua conduta social.

O valor dado aos pais deve ser observado, pois isso trazia às crianças um senso de responsabilidade cabível a sua idade. Não considerando o fato da discriminação que as meninas sofriam, a responsabilidade que as crianças tinham é uma questão interessante a ser observada. Desde os tempos antigos, sabia-se das condições do aprendizado da criança, por isso investia-se nisso, o pai investia no menino e a mãe na menina. Não está se questionando os métodos, mas fazendo constatações de que é possível dar-lhe algumas responsabilidades, a saber, na questão dos estudos. Infelizmente hoje muitas crianças não têm recebido responsabilidades, sendo que as mesmas estão em plenas condições de desenvolver-se, descobrir-se. É preciso resgatar a potencialidade de cada criança, também através de algumas responsabilidades que lhe devem ser concedidas.

### 1.3 Resultados para a sociedade da época

A ênfase na educação, ainda que não fosse laica, mas especialmente religiosa, permitiu que em Israel não houvesse muita dificuldade de encontrar pessoas que liam e escreviam, até mesmo entre as pessoas comuns. O próprio Moisés, personagem bíblico, leu para a nação de Israel, conforme relato bíblico em Êxodo 24.7, o livro da aliança.<sup>45</sup>

Mesmo com limitações, o povo sempre buscava conhecimento e aperfeiçoamento, principalmente no conhecimento da Lei que guiava suas vidas. Ao que tudo indica, o povo vivia aquilo que aprendia, inclusive as crianças. O fato da educação ser valorizada permitiu o desenvolvimento e a busca do conhecimento em outras áreas. Também permitiu que o povo pudesse manter contato com outros povos, como os egípcios e os babilônios.

É fato comprovado que a educação reflete diretamente na sociedade. Talvez este seja um dos poucos caminhos que resta para se buscar uma mudança significativa para o futuro do mundo, ou seja, investir nas pequenas vidas mostrando-lhes valores significativos como a família, pais e aprendizado nas diversas áreas, especialmente de Deus.

## 2. O ENSINO JUDAICO NA CULTURA DO NOVO TESTAMENTO

Segundo Gower, quando o povo judeu entrou em Canaã ou na Palestina, eles não tinham um sistema educacional organizado. 'Esse sistema se desenvolveu à medida que a sua civilização progrediu, sofrendo as influências e as práticas das nações vizinhas'.<sup>46</sup> Morin afirma que a sociedade foi importante para questão da formação, entretanto há dúvidas da data da implantação da escola nos vilarejos. Para alguns, foi a partir de 63 d.C., que a instrução escolar passou a ser dada às crianças de seis e sete anos e, para outros, a escola foi passou a existir de forma mais generalizada cerca de 130 a.C.<sup>47</sup> Morin afirma que certamente, nos tempos de Jesus, havia escolas primárias nas aldeias da Palestina, onde era ensinado o texto hebraico, escrito sem vogais. Ali se aprendia a ler e também a reconhecer as primeiras

---

<sup>45</sup> COLEMAN, 1991, p. 125.

<sup>46</sup> GOWER, 2002, p. 78.

<sup>47</sup> MORIN, 1982, p. 60.



transposições em aramaico. Também havia as escolas secundárias, onde se aprendia a interpretar as Escrituras com a ajuda das tradições orais.<sup>48</sup>

A apreciação do estudo era algo presente na vida do povo de cultura judaica no século primeiro, isto pode ser observado através da seguinte observação que Coleman faz:

Às vezes há a tendência de supor que os povos que viveram há 2000 anos eram bastante incultos. Isso é verdade com relação a algumas áreas do conhecimento, mas o fato é que eles tinham bom domínio em outras, e ampliavam muito bem esse saber. Os judeus do primeiro século eram um povo inteligente e tinham um forte senso de apreciação da cultura.<sup>49</sup>

Na sequência serão observados alguns destaques do ensino e aquilo que o cercava na cultura judaica do povo que viveu no período do Novo Testamento.

## 2.1 Elementos significativos para o ensino no contexto do Novo Testamento: os materiais e as influências de nações e mestres

No período do Novo Testamento, havia escolas (para o povo judeu) na Palestina, embora fossem recentes. ‘Os pais eram obrigados a enviar os filhos à escola. Havia castigo para os preguiçosos e para os que faltavam muito. Também tinha uma espécie de curso secundário para os mais inteligentes’.<sup>50</sup> A educação primária tinha um prolongamento para quem quisesse se especializar nos estudos religiosos. Quem quisesse fazê-lo deveria ir para Jerusalém e entrar numa das escolas onde ensinavam famosos doutores da lei. A escola primária era junto com a sinagoga, sendo que toda criança, rica ou pobre, iniciava com cinco anos. Quando havia mais de vinte e cinco crianças, também havia um professor especialmente nomeado. Os professores eram muito considerados, e havia até mesmo supervisores da educação.<sup>51</sup>

Daniel-Rops afirma que os israelitas davam maior importância à educação moral, entretanto não significa que o ensino na escola era menosprezado; ao contrário, os rabinos diziam sempre que ele era indispensável e base de tudo. A afirmação era “Se você tiver conhecimento ‘dizia conhecido provérbio’, você tem tudo. Mas se lhe faltar conhecimento, nada tem”.<sup>52</sup> Daniel-Rops comenta que se dizia: “É melhor que um santuário seja destruído do que uma escola”.<sup>53</sup> Ele ainda afirma que, embora o papel da palavra falada fosse grande, a escrita também tinha a sua importância, toda a vida do povo de Israel era regulada por textos escritos.<sup>54</sup>

Fica evidente que no período de Cristo os judeus já haviam adotado a prática da escrita. A arqueologia encontrou, nas proximidades do Mar Morto, ‘rolos de cobre de 0,90m de comprimento e 0,30m de largura, cobertos com um texto profundamente gravado’.<sup>55</sup> Os israelitas, diferentemente de outros povos, não faziam uso das chapas de argila, pois o seu alfabeto não era adequado para escrita nesse material, por isso gravavam de outras formas. Os pergaminhos descobertos em 1947, no Mar Morto, provam que os judeus escreviam sobre

<sup>48</sup> MORIN, 1982, p. 132.

<sup>49</sup> COLEMAN, 1991, p. 121-122.

<sup>50</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 79.

<sup>51</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 79-80.

<sup>52</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 78.

<sup>53</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 78.

<sup>54</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 177.

<sup>55</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 178.

material da escrita usado pelo resto do mundo Mediterrâneo e do Império Romano, os quais eram perecíveis. Eles usavam placas de madeiras cobertas de cera, sobre as quais se escrevia com um estilete de osso, bronze ou prata, sendo que tal estilete tinha um lado com ponta e outro achatado. As placas de madeira cobertas de cera não eram usadas para textos longos. Os livros mais antigos dos judeus devem ter sido escritos em peles raspadas, como de cabras e ovelhas. O uso de peles era muito difundido nos dias de Cristo. Com o tempo, o papiro, um material de escrita muito mais barato e fácil de se obter, passa a competir com o pergaminho. Este material foi descoberto pelos egípcios, mas na Palestina se cultivam alguns em pântanos e em algumas partes úmidas, já que está era uma planta aquática. Uma pena era usada para escrever sobre o pergaminho e o papiro. A arqueologia também encontrou no Mar Morto tinteiros de bronze e de barro, com tinta seca.<sup>56</sup>

Coleman afirma que, apesar de não haver menção da existência de bibliotecas, no período do Novo Testamento, há referências a livros que os apóstolos usavam, como em II Timóteo 4.13. O autor também comenta que foi no período dos romanos que as bibliotecas se multiplicaram, inclusive sendo mais bem organizadas e possuindo salas de leitura.<sup>57</sup> No período greco-romano, séculos I e II, os ginásios eram as instituições mais típicas das cidades. Este era uma instituição pública mantida pela cidade. Neste edifício havia um pátio aberto, recintos para banho e reuniões, e ali tanto meninos como as meninas aprendiam com alguém especializado.<sup>58</sup>

Nos recintos onde estavam organizadas as salas de aula, a instrução ocorria através de cópias e memorização. Tais cópias tinham certa padronização, assim formavam um *curriculum* nuclear básico. Assim, nas cidades gregas, o conteúdo da educação era semelhante e todas as pessoas instruídas não só tinham copiado, recitado, memorizado, mas participavam de um sentido comum de cultura. Todas elas sabiam as narrativas mitológicas familiares e todos reconheciam citações padronizadas quando as ouviam no teatro, nos espetáculos, nos discursos filosóficos.<sup>59</sup>

A principal tarefa dos alunos era de repetir de memória, em voz alta, e todos juntos as sentenças ditas. Daniel-Rops, assim como Stambaugh e outros autores citados, dizem que o recurso da mnemônica era parte necessária da expressão e transmissão do pensamento, e era frequentemente usada no ensino.<sup>60</sup> Os rabinos davam grande consideração ao exercício da memória, e, a fim de treiná-la, os alunos decoravam passagens enormes, que deviam ser faladas sem qualquer omissão, acréscimo ou modificação de palavras. Assim, quando um judeu precisava falar com formalidade, ou ensinar, orar, esta seria a base de seu estilo.<sup>61</sup>

Morin diz que sob a direção do rabi memorizava-se o texto por meio da repetição. O texto era esquematizado a partir de palavras-chaves, e modificado para percepção de todas as nuances, entretanto levando em consideração a conservação mais exata do original.<sup>62</sup> As crianças, além de já aprenderem a memorizar desde a tenra idade, também empregavam este recurso até mesmo nas brincadeiras, embora na escola aprendessem em primeiro lugar a Torá.

<sup>56</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 178-181.

<sup>57</sup> COLEMAN, 1991, p. 124.

<sup>58</sup> STAMBAUGH, 1996, p. 111.

<sup>59</sup> STAMBAUGH, 1996, p. 111.

<sup>60</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 79.

<sup>61</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 176-177.

<sup>62</sup> MORIN, 1982, p. 132.

A linguagem, gramática, história e geografia, ou pelo menos os rudimentos dessas matérias, eram todas estudadas na e através da Bíblia. O uso exclusivo das Escrituras provavelmente foi a razão que levou muitos rabinos a não permitirem às meninas estudar. Entretanto, nem todos os rabinos tinham essa opinião. Toda ciência tinha uma dimensão teológica e como as mulheres não ocupavam cargos oficiais na religião, não precisariam conhecer a Lei.<sup>63</sup> Quando se fala em conhecer a Lei é preciso considerar que três línguas, a saber: o hebraico, que era a língua na qual havia sido escrito os textos sagrados e passava por renovação, no tempo de Jesus; o aramaico era a língua corrente e indispensável devido ao texto hebraico lido na sinagoga<sup>64</sup>; e o grego, que era a língua conhecida para transações comerciais e contatos com estrangeiros.

Stambaugh diz que a educação mais avançada se constituía de várias formas, mas era muito comum que o jovem a buscasse para poder participar da vida pública e nesse caso também era preciso um professor de retórica. Em questões de ensino superior e vida pública a questão de retórica era muito importante, pois com ensino da retórica se aprendiam essas partes do discurso bem construído e se produziam modelos de discursos entre outros. Nesse caso a instrução acontecia por meio da conferência pública.<sup>65</sup> Assim, percebe-se a importância de se buscar o melhor método de aprendizado. Deve-se haver consciência e contextualizar-se com a época, pois as crianças são dinâmicas e aprendem através da contextualização do mundo que as cerca.

Os líderes eram também os instrutores do povo de Israel. Muitos líderes do povo de Israel consideravam sua história e leis de mais elevada importância. A formação de um líder, como por exemplo, um escriba, levava vários anos. Ele precisaria estudar as tradições para poder tomar decisões pessoais bem como lidar com de legislação religiosa e penal. Somente após ser doutor, o escriba poderia resolver questões de legislação religiosa e ritual.<sup>66</sup>

Aquele que fosse doutor ordenado poderia resolver por si mesmo questões de legislação religiosa e ritual. Ele se tornava juiz nos processos criminais e civis ou individualmente ou como membro de uma corte de justiça. Os escribas ordenados eram os que criavam a tradição oral, derivada da Torá, que se colocava em pé de igualdade com a lei escrita. Os escribas eram preferidos aos sacerdotes e aos outros leigos quando se devia preencher um posto na comunidade. O partido dos fariseus<sup>67</sup>, no Sinédrio<sup>68</sup> era inteiramente formado de escribas.<sup>69</sup> Os escribas tinham a função de ensinar. Eles ensinavam a alunos e aconselhavam o Sinédrio em assuntos jurídicos interpretação da Lei.<sup>70</sup> Esses líderes, que existiam desde o período do Antigo Testamento, mostram a importância daquele que acompanhava o aprendiz. Isso era tão sério que, conforme Morin,<sup>71</sup> os alunos dos escribas conservavam seus ensinamentos como

<sup>63</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 79.

<sup>64</sup> MORIN, 1982, p. 132.

<sup>65</sup> STAMBAUGH, 1996, p. 111.

<sup>66</sup> MORIN, 1982, p. 135.

<sup>67</sup> Eram associações de judeus piedosos. *Perushim* é igual a separados ou separatistas. Eles, entre si se chamavam de “companheiros”. De fato, eles se separavam da massa popular, ignorante, vulgar, pecadora (MORIN, 1982, p. 109).

<sup>68</sup> A palavra significa “conselho”. O conselho judeu assim chamado, era um corpo aristocrático, aparentemente controlado pelos saduceus, mas que incluía os principais anciãos, e o sumo sacerdote era atuava como uma espécie de presidente (CHAMPLIN, 1995, p. 233).

<sup>69</sup> MORIN, 1982, p. 135-136.

<sup>70</sup> STAMBAUGH, 1996, p. 89.

<sup>71</sup> MORIN, 1982, p. 137.

um bem precioso. O povo observava seus feitos e gestos para tirar deles normas de comportamento. Os líderes recebiam um posto de total confiança no período do Novo Testamento.

No período do Novo Testamento, os Escribas tinham alcançado a supremacia, mais precisamente na época de Cristo. Os mais elogiados e famosos recebiam o título de doutor da Lei, e alguns eram chamados de rabinos e mestres e também eram procurados pelos jovens. Alguns deles, como os rabinos Hillel<sup>72</sup> e Shammai e Gamaliel,<sup>73</sup> atraíam grande número de alunos.<sup>74</sup>

A partir de 164 a.C. um grupo chamado de fariseus, trouxe a orientação que os meninos judeus deveriam frequentar a “casa do livro”, para obter uma boa educação judaica. Esse local era dirigido por um professor pago pela sinagoga e essa escola ficava anexa ao templo de Jerusalém. Nessa escola a lei tradicional era ensinada dos dez aos quinze anos, e a lei judaica depois. Foi somente a partir de 65 d.C. que a escola veio a ser obrigatória para todos os meninos, a partir de seis anos.<sup>75</sup>

Um dos mais famosos líderes do período no Novo Testamento foi Jesus Cristo. Enquanto esteve na terra Jesus foi chamado “Mestre”, com mais frequência que por qualquer outro termo. Sua obra didática era fundamental em tudo o que fazia. Ele foi o professor da maior escola que existiu, pois ensinava multidões.<sup>76</sup>

## 2.2 Pais e filhos: uma parceria de ensino e de aprendizado

Na época do Novo Testamento, além dos pais, muitas famílias também possuíam exemplares da Torá e ensinavam regularmente aos filhos. Além dos pais, algumas famílias gregas e romanas tinham os seus escravos, que auxiliavam na educação dos meninos. Não é clara qual a tarefa destes escravos, mas em alguns casos significava levar os meninos para a escola e depois buscá-los, em outros complementar os seus estudos, ou ainda os escravos eram como professores particulares, responsáveis por toda a formação das crianças.<sup>77</sup>

No período do Novo Testamento já não há mais tanta ênfase naquilo que os pais faziam com relação à educação de seus filhos, mas pelo menos os ensinamentos da Torá eram passados em casa. Isso mantinha o relacionamento e os momentos junto aos filhos. Apesar dos pais, nesse período, já não serem os responsáveis de forma tão direta como no período do Antigo Testamento, eles eram os responsáveis pela educação e ficavam encarregados de buscar aquele que faria isso. Quando os gregos assumiram o poder, os israelitas foram obrigados a dar maior valor à educação, pois aquele povo valoriza o ensino. Nos dias de

---

<sup>72</sup> Hillel nasceu na Babilônia, mas foi à palestina divulgar seus ensinamentos. Foi classificado como um liberal na interpretação da lei.

<sup>73</sup> Shammai era mais conservador. Gamaliel era seguidor das ideias de Hillel. Paulo foi seu aluno, no livro de Atos 22.3, usou isso como argumento para convencer o Sinédrio a não matar os apóstolos At 5.34-39. Assim, vemos que os jovens e o povo como um todo possuíam seus pensadores e havia diferença de pensamento, o que mostra que cada aluno era educado a ponto de na idade mais adulta ser suficientemente capaz de saber fazer suas opções, quanto aos ensinamentos transmitidos, nas escolas que existiam.

<sup>74</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 105.

<sup>75</sup> GOWER, 2002, p. 83.

<sup>76</sup> SISEMORE, 1990, p. 19.

<sup>77</sup> COLEMAN, 1991, p.125.

Cristo, a escola já era comum, o povo realizava estudos avançados de filosofia, línguas e outros.<sup>78</sup>

A impressão que se tem deste período é que ainda imperava muito fortemente a vontade dos pais na vida dos filhos. Os meninos continuam sendo muito valorizados e as meninas continuam tendo algumas dificuldades na área de educação. Como já comentado acima, aqui também pode ser observado que havia respeito pelos pais, valor muito perdido na atualidade. O interessante é como cada filho assumia seu papel em prol de um bom andamento das coisas. Hoje as responsabilidades mudaram e cada criança precisa ser levada a olhar para o mundo onde vive e buscar mudanças para o futuro com a ajuda dos valores transmitidos pelos orientadores, sejam pais ou outros.

### 2.3 Resultados para a sociedade da época

A forma de ensinamentos da época, na qual os eruditos de Israel com o anseio de ajudar os aprendizes a guardar na memória os ensinamentos que deveriam aprender e passar à frente, fez com que eles inventassem ‘todo um sistema de ritmos, melodias, aliteraões, repetições de palavras e antíteses que tornava mais fácil a memorização dos elementos verbais’.<sup>79</sup> Na opinião de Coleman, o fato das pessoas saberem ler em Israel, no Antigo Testamento, é mesmo devido ao baixo número de analfabetismo e foi um dos motivos que levou o cristianismo a se espalhar com tanta rapidez. Muitos sabiam ler, não apenas sua língua, mas também o grego e latim.<sup>80</sup>

Ao que parece, muitas pessoas que viveram em Israel nos dias de Cristo dominavam o aramaico, a língua que Jesus mais conhecia e empregou; o hebraico que se tornou a língua da religião e usava-se mais na leitura de textos sagrados; e o grego, que nos dias de Cristo era a mais aceita. Toda sociedade ganha quando seu povo valoriza a educação, pois forma cabeças pensantes que não aceitam imposições. O passado ajuda a construir um futuro mais digno e melhor, por isso, pode-se dizer que este povo aqui descrito, com suas falhas como qualquer outro, possui muitos valores que servem de paradigma aos dias atuais e devem ser resgatados para o benefício da educação cristã e até mesmo a secular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino nos períodos descritos deixa pontos de interrogação, pois num primeiro momento parece algo imposto, e parece que o aprendiz não poderia ter algo para oferecer e também que não havia muito diálogo entre o educador e o aluno. Entretanto, observou-se que o incentivo que acontecia no lar tinha o propósito de despertar o educando para o futuro e prepará-lo para que, no devido tempo, ele pudesse ‘andar’ sozinho. Não dá para negar que o aprendiz, especialmente o menino, recebia muito do pai e de seus antepassados e era incentivado a seguir esse caminho, especialmente em questões de fé.

É possível observar que neste ensino o professor era alguém de destaque. Embora não seja possível saber se isto era algo imposto, aparentemente parece que não o era. O professor, ou educador, era valorizado, independentemente se fosse o pai ou outra pessoa. A palavra e os

<sup>78</sup> CLAUDIONOR, Andrade. *Geografia bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 168-169.

<sup>79</sup> DANIEL-ROPS, 1986, p. 177.

<sup>80</sup> COLEMAN, 1991, p. 125.

ensinamentos do educador eram algo seríssimo, por isso todos consideravam muito aquilo que ele falava. Certamente tal educação gerava transformação não apenas no aspecto intelectual, mas também na área relacional. Tal ensino auxiliava na formação de caráter e levava o aprendiz a tornar-se responsável e assumir seus compromissos no futuro.

O ensino do povo judeu era genuíno e autêntico, pois de fato fazia diferença na vida de seus aprendizes, independente se era ou não algo espiritualizado. Tal diferença ocorria porque estava carregado de convicções e pela certeza que os educadores tinham quanto àquilo que transmitiam. É preciso acreditar na importância daquilo que se transmite e também crer que as crianças são importantes, precisam receber boas instruções para melhor construir o futuro. Neste sentido, o educador pode influenciar de forma positiva ou negativa.

Aquilo que a família fazia pela educação e pela criança deixa grandes ensinamentos para a educação atual, pois esse envolvimento pode auxiliar na formação de cidadãos que saibam responder pelos próprios atos e que também respondam moralmente pela vida, pelo bem-estar próprio e de outros. Estes são os reflexos que a sociedade receberá, caso o orientador tenha tal visão no papel que desempenha. Deve ser considerado que, apesar da intensa agitação de muitos pais nos tempos atuais, eles ainda sentem responsabilidade em relação aos filhos e compreendem que o papel da escola é complementar à educação adquirida no ambiente familiar. Pais e familiares devem ser o esteio para seus filhos não somente naquilo que se refere à educação a nível intelectual, mas também na direção espiritual e de caráter.

O que existia na cultura judaica em relação à educação não deve ser ignorado na contemporaneidade. Gagliardi faz a seguinte colocação: “O ensino verdadeiro tem por fim, qualquer que seja o seu conteúdo, formar seres adultos”.<sup>81</sup> Essa afirmação faz lembrar que todo responsável pelo ensino precisa estar consciente da responsabilidade e influência que acontece através da fala, e da proximidade com seus aprendizes. A partir do que foi descrito, ficou evidente que o ato educativo estava carregado de objetivos, busca-se passar valores, especialmente espirituais. Enfim, a partir da descrição acima é possível entender que o ensino leva à reflexão e pode direcionar decisões futuras, tanto em questões morais, profissionais ou espirituais.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Antonio Vieira de. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Eclésia, 2000.

CHAMPLIM, Russell Norman; BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia teologia filosofia*. 3.ed. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. VI.

CLAUDIONOR, Andrade. *Geografia bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Tradução de Neyd Siqueira. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.

---

<sup>81</sup> GAGLIARDI JÚNIOR, Ângelo. *Educação religiosa relevante*. 3.ed. Rio de Janeiro: Vinde, 1997, p. 15.



GAGLIARDI JÚNIOR, Ângelo. **Educação religiosa relevante**. 3.ed. Rio de Janeiro: Vinde, 1997.

GOWER, Ralph. **Usos e costumes dos tempos bíblicos**. Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HARTLEY, John E. Tora, lei, ensino. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (edit). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

MORIN, Émile. **Jesus e as estruturas de seu tempo**. Tradução de Vicente Rodrigues de Souza. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

SISEMORE, John T. (comp.). **Os fundamentos da educação religiosa**. Tradução de Jussara Marindir Pinto Simões Arias. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional